



Escola de Letras

Antologia da Saudade

PROSA & VERSO
2016

PROSA & VERSO 2016



Antologia da Saudade

José Huguenin
(Organizador)

Aline Reis
(Prefácio e Revisão)

PROSA & VERSO 2016

Antologia da Saudade

1ª Edição

Volta Redonda – RJ

AVL

2016

2016© Academia Volta-redondense de Letras

2016 © Vários autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Letras, Academia Volta-redondense de

Prosa & Verso 2016 / Academia Volta-redondense de
Letras / Vários Autores .-- 2016.

141p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-69545-03-3

1. Coletânea de Poemas. 2. Coletânea de Prosa. I. Título.

CDD:808.81

Patrono: Manoel Bandeira

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Presidente do Conselho Deliberativo: Eldo Costa

Coordenação Editorial: José Huguenin

SUMÁRIO

O resgate de textos imortais..... 10

José Huguenin

Prefácio : o encanto e a viagem..... 17

Aline Reis

Prosa21

Verso.....67

O RESGATE DE TEXTOS IMORTAIS

Uma das principais missões da Coordenação Editorial da AVL é tornar acessível, por meio de suas publicações, obras literárias ou acadêmicas de seus membros. Para este fim foi criada a **Coleção Prosa & Verso**, cujo objetivo é publicar textos dos acadêmicos. O primeiro número (P&V 2015) celebrou os dez anos de fundação da AVL.

Neste segundo livro (P&V 2016) resgatamos textos de acadêmicos que não mais se encontram entre nós. Por isso esta é a *Antologia da Saudade*. Os organizadores buscaram pesquisar textos destes escritores e escritoras que

ajudaram a construir a AVL e muito dignificaram a academia com suas obras e suas vidas. Lembraremos neste livro dos dez membros da AVL que já partiram desta vida. A pesquisa mobilizou os atuais acadêmicos que foram convidados a participar. A eles nosso muito obrigado. Em especial, agradecemos a atual presidente da AVL, acadêmica Mércia Christani, o vice-presidente Vicente Melo e a acadêmica Regina Vilarinhos cujos acervos possibilitaram o resgate de vários textos publicados em obras esgotadas.

As fontes dos textos escolhidos para esta homenagem foram livros esgotados de alguns autores e, principalmente coletâneas antigas organizadas pelo Grêmio Literário de Autores Novos – o GLAN - e pelo Grêmio Barramansense de Letras – o GREBAL. É importante rendermos aqui homenagens a estas duas instituições que há muitos anos veem apoiando os escritores da região e, juntas, detêm hoje os maiores acervos de escritores regionais com as antologias que produziram. O GREBAL, por exemplo, nos últimos anos, tem apoiado, inclusive, a publicação solo de seus associados. O GLAN continua fazendo seus cafés literários, abrindo espaço para novos poetas e escritores a fim de divulgarem seus trabalhos. Criados em um tempo onde a

publicação de um livro tinha grande complexidade e era uma vontade distante da maioria dos autores, graças a estas instituições – GREBAL e GLAN, podemos encontrar textos publicados dos precursores da produção literária no Sul Fluminense.

A seleção não foi uniforme, sobretudo pelo fato de a disponibilidade de materiais também não o ser. A busca e a pesquisa deve ser contínua para tirarmos das sombras textos fabulosos. A apresentação continua dividida em “Prosa” e “Verso”, seguindo a ordem da numeração da cadeira que cada membro da Academia ocupou.

Do escritor Ronaldo João Gori, que nos deixou recentemente, trazemos textos da Antologia Crise, de lá vem o poema que Gori escreveu para quando fosse lembrança: fantástico! Também retiramos o belo poema Máscaras, em antologia de mesmo nome organizada em parceria com o escritor Asséde Paiva. A prosa vem de um caderno chamado “Máscaras da vida”, dado por Gori à acadêmica Regina Vilarinhos. Não se sabe se o material já foi publicado e é possível que estejamos publicando textos inéditos de Ronaldo Gori.

Da grande poeta Maria José Bulhões Maldonado

fomos beber da fonte em Amor Mundi, antologia organizada por seu filho, além de textos em antologias do GREBAL e GLAN.

Do historiador Alkindar Cândido da Costa optamos por selecionar pequenos trechos, usando a divisão que o autor deu em “Volta Redonda ontem e hoje”. Obra que mostra, além do rigor histórico, a verve lírica e poética de Alkindar da Costa.

Do poeta Pedro Viana Filho fica evidente, em textos tirados de antigas antologias do GLAN e GREBAL, o poder de sonetista do escritor, que publicou um livro exclusivo de sonetos (“Sonetos para você”).

Da escritora Dora Araújo, poemas e crônicas foram obtidos de antigas antologias do GREBAL e do GLAN. Vale destacar uma crônica sobre a passagem de Euclides da Cunha em Lorena, terra natal da escritora. Euclides morou lá por pouco mais de um ano. É um luxo ter um texto com esta temática no ano em que se comemora 150 anos de nascimento do escritor cantagalense. Em 2000 Dora Araújo foi premiada em concurso do GREBAL em alusão aos 500 anos do Brasil, cujo tema foi a primeira escrita em língua portuguesa produzida em terras tupiniquins: a Carta de Pero Vaz de

Caminha. A autora mostrou inovação ao escrever um “e-mail” a Pero Vaz, quando a internet começava a se expandir.

Da escritora Eny Pinheiro, a fonte usada foi seu último livro “Retratos da vida”, além de antigas antologias do GREBAL e GLAN. O lirismo simples e direto pode ser visto não só nos poemas, mas também nas crônicas, que têm o cotidiano e a família como tema central.

Do escritor e poeta José Luiz de Oliveira, poemas e um conto a *la* Nelson Rodrigues foram encontrados em antologias antigas do GLAN e GREBAL. Nestes textos é possível observarmos a maturidade e segurança literária do autor.

Por fim, do poeta Jair Gomes da Silva encontramos poemas em antologias antigas do GLAN e GREBAL. O estilo simples e lírico de poemas como “Eu e o sabiá”, remontam o lirismo de Manuel de Barros, além de uma homenagem cativante a Volta Redonda.

A alegria só não é completa pois, no curto tempo que tivemos para realizar a pesquisa, não foi possível encontrar textos do professor Nestor Dockon e Antonieta Barreira Cravo, personagens importantes na criação da AVL. Este fato, por si só, já motiva para a continuidade da pesquisa.

Evidentemente este livro não esgota a produção destes autores e autoras. E eles voltarão em edições futuras de forma a imortalizar suas obras.

José Huguenin

Coordenador Editorial da AVL

PREFÁCIO

O ENCANTO E A VIAGEM

Revisar e analisar essa coletânea foi um exercício de muita paz. Os amigos se foram, mas as obras ficaram para nosso recreio, despertando-nos prazer, alegria, saudade. Viajar no tempo, aqui, é possível com a história de Volta Redonda, bem contada pelo acadêmico Alkindar Cândido da Costa (fundador da cadeira 8). Um excerto de como (quase) tudo teria começado é o suficiente para o leitor se perder no tempo e imaginar como eram as pessoas, as descobertas, os caminhos desbravados e o que ainda estaria por vir. A incipiente região, hoje, é parte do desenvolvimento do Brasil fazendo história, também, com protestos e manifestações por parte da massa trabalhadora. E como essa gente é engajada!

A acadêmica Dora Araújo (fundadora da cadeira

17) escolheu a cidade de Volta Redonda para viver. Conta-nos que, em sua cidade natal, Lorena / SP, um ilustre senhor chamado Euclides da Cunha mudou-se para lá com sua esposa. O escritor de *Os sertões* escolheu a cidade para organizar as ideias a respeito do episódio ocorrido no sertão brasileiro, testemunhando o que ocorrera na conhecida Guerra de Canudos. Uma epístola um tanto inédita e inovadora, ganhadora de merecido Prêmio no GREBAL, por ocasião dos 500 anos do Brasil, é parte muito interessante da obra de Dora de Araújo. Só lendo para se encantar com as histórias da saudosa acadêmica.

Todo escritor apresenta suas referências nas linhas que escreve. Um pastiche é fácil de ser reconhecido. O tom de humor fica a cargo do acadêmico José Luiz de Oliveira (fundador da cadeira 20). Num amor que pode dividir opiniões, a prosa escrita por esse acadêmico é bem-humorada. Num "toma lá, dá cá", a história nos leva a pensamentos vários sobre a vida de casais.

"O escândalo do Petróleo" ou mesmo a obra infantil de Monteiro Lobato, "O poço do Visconde" são retomados pelo acadêmico Ronaldo João Gori (fundador da cadeira 3); livros muito importantes ao leitor que deseja

conhecer as lutas de Lobato pelo Brasil e sua inquietude no que tange ao nosso desenvolvimento e as medidas tão escusas, por parte de nossos governantes. Tudo sempre tão atual! Gori, como era chamado nosso acadêmico, num exercício de intertextualidade nos traz Jesus e Maria Madalena num bailar de vida a dois, num amor como o dos cariocas da Lapa.

Eny Augusta da Silva Pinheiro, fundadora da cadeira 18, cadeira que agora ocupo com muito orgulho e respeito, cita o equilíbrio de Kalil Gibran Kalil, em sua obra "O profeta", para se referir ao ato de educar os filhos.

Nesse recorte feito pelo organizador dessa coletânea póstuma, a escritora, dada à família e suas questões, apresenta-nos uma declaração de amor e reconhecimento a quem foi seu pai e a representação deste para ela. Um texto que nos une, Eny Pinheiro e eu, pelo mesmo amor e devoção àquele que nos educou, ainda que sejam de identidades diferentes e famílias distintas, mas homens de personalidades muito parecidas e sábias.

No trabalho poético, as influências modernistas são claramente notadas. Ainda que surja um soneto aqui ou ali - a forma fixa poética muito utilizada pelos parnasianos - não é rígida a metrificação dos versos todos, como já se viu na

história da Literatura, em exigência ao fazer poético.

Um Gori-modernista surge afixando versos livres e desenhando, com a palavra, a lágrima caindo, num tom neoconcretista do recém-falecido Ferreira Gullar. Dores e saudades, a natureza que canta e encanta, o pássaro de canto triste, os tons litúrgicos, a metapoesia e os fazedores de trovas permeiam os campos das poesias escritas por esses acadêmicos que deixam saudades e marcam a história artística da Cidade do Aço.

Aline Reis

PROSA

Ronaldo João Gori

Fundador da Cadeira 3

O PRESENTE DE NATAL

Os pais vieram do interior, eram camponeses, haviam trazido José Maria, filho pequeno, com quatro anos, para aquela cidade industrial, no eldorado para onde afluíam todos na busca de uma oportunidade que não conseguiam no campo.

A vida da família modificara pela oportunidade da casa de alvenaria, escolas, saúde e educação, tudo proporcionado pela presença de mão de obra naquela primeira fase de industrialização, daquele pedaço do país, do chamado terceiro mundo.

Evolução? Progresso? Desenvolvimento? O pai de José Maria não sabia. Na sua filosofia de camponês travestido de industriário, apenas concluíra que as pessoas estavam trocando a busca pela felicidade em perseguição da comodidade, altamente propagada pelos meios de comunicação e massa, em interesse próprio, do consumo e da alienação do trabalhador.

* * *

Época de natal de Cristo, apelos mil de consumo, de delírio, de compras de presentes, como se o exemplo de Cristo, para a humanidade, fosse de um consumidor de bens materiais.

Na sua ignorância, o pai de José Maria, se tornara um bem sucedido torneiro, lembrava de seus tempos de menino, lá na roça, e dizia para si mesmo, na mesa do botequim, na ante véspera do Natal, onde fazia hora para apanhar a bicicleta, “aro 22”, que a esposa e a sogra haviam feito José Maria pedir a Papai Noel, em carta que colocaram no correio com o endereço da casa que ele comprara para pagar em vinte e cinco anos. “Como era bom na sua terra, na meninice..., difícil, ..., mas sem enganosas emoções... o nascimento de Cristo, o aniversário de Jesus, era uma época de reflexão e as lembranças que os adultos ofertavam às crianças eram todos brinquedos simples, em geral de madeira e feitos pelos próprios ofertantes.”

Lembrou-se do boneco de sabugo de milho que o avô levava três meses fazendo para o seu irmão, com cartola e tudo, igual ele havia visto em livro em cima da mesa na casa do

doutor na vila, quando foram levar doente para consultar.

“O nome no autor, escrito em letras grandes na capa - as únicas que ele sabia ler na época - era Monteiro Lobato.” Tinha uma grande curiosidade por aquele livro e se lembrasse o título do livro iria procurá-lo para comprar.

A curiosidade viera por ter escutado o tio comentar com o avô que o médico fora preso naquele mesmo dia da consulta e o motivo, o que ele até não havia entendido bem na época, era a disseminação de ideias subversivas do Monteiro Lobato, de que havia petróleo naquelas bandas. “As perguntas feitas pelo médico ao meu avô, após a consulta graciosa, eu me lembro direitinho:

- O gado recusa água de alguma lagoa ou fonte de sua região?

Meu avô confirmou e ainda esclareceu que da flora só nasciam plantas primárias e de raiz curta. O Jovem doutor sorriu e disse a meu avô que eram boas informações. É, hoje tem muito poço de petróleo por lá.”

* * *

Olho no relógio: 11 horas 30 min.

Saiu do Botequim e seguiu para a loja do “turco”, com o qual fizera amizade e que lhe havia vendido a bicicleta. Ao chegar, lá estava ela. Linda, na cor desejada, nas condições “pechinchadas” e aguardando por ele, o “portador de sonhos, foi como se sentiu.

O transporte para sua residência era agora o problema, que foi prontamente resolvido, em parte. Explico: ele, o pai de José Maria, morava do outro lado daquela cidade, nove décimos de montanhas e como não tinha para o carroto, seguiu na própria bicicleta debaixo de um sol de rachar.

* * *

Do sopé de uma íngrime ladeira, avistou sua casa, cerca de cem metros acima. Desmontou e iniciou a empurrar a bicicleta morro acima, debaixo daquele sol de dezembro. “Santa Luzia molhando o Natal com sol rachando” - lembrou e falou para si mesmo.

Suando em bicas chegou no portão da casa e ouviu a voz da sogra, gesticulando, para que não entrasse e

aguardasse que distraíssem o José Maria, pois, afinal, Papai Noel só chegaria à meia-noite e colocariam a bicicleta, que ficaria escondida, no sapatinho.

Ele aguardou um pouco e durante o tempo que ficara aguardando, com um estalo, pensou: “Porra, eu me dano todo, trabalho feito um cão pra comprar esta bicicleta pro meu filho e um velho, vestido de palhaço, vem e leva a fama? Essa não! Do portão ele gritou: “Zé Maria, meu filho, olha o que o papai comprou para você!”

Dizem que a mulher e a sogra não participaram da ceia de Natal, mas ele, pai do José Maria, estava satisfeito por haver dado a primeira lição ao seu filho. Não enganar ao próximo, mesmo que tal o deixe feliz.

MILAGRE DO AMOR *

Contam, lá pelas Gerais, que certa feita, a noite corria alta e Jesus caminhava com sua veste toda branca, só, com o olhar perdido nas pedras da calçada, daquela rua iluminada pelos archotes postados nos sumbrais de casas humildes, daquela cidadezinha de camponeses e pescadores. Pensava que suas palavras, muitos sonhos haviam trazido, mas os homens são fracos e duvidam. Lembrou da fome das crianças e da dor dos deserdados, da agonia dos sem terra e desespero dos explorados. Seguia absorto em seus pensamentos.

* * *

Ouvia-se, trazidos pela brisa, os sons da música tocada não muito distante dali, quando de repente surge à frente de Jesus, Madalena, com sua tez morena, seu cabelo

longo, enfeitado com uma flor vermelha, que lhe disse: “Ainda é cedo, vamos tomar uma pinga no bar do Alfredo?” “Como não?” - respondeu Jesus completando - “ Se tão só e tão feliz me sinto, quando te sinto perto”.

* * *

Dois homens velhos desciam a rua e cruzaram com o casal que se beijava apaixonadamente, como a prenunciar ao mundo o desejo e o amor de seus corpos.

Os homens caminhavam para o trabalho: um levava ao ombro um cabo de enxada, o outro, um martelo e uma caixa que indicavam ser ele, carpinteiro. Viram a cena do beijo dos amantes e continuaram seu caminho, por algum tempo silenciosos.

- “Quem é aquela?” - indagou Tomé, o mais alto e com a enxada ao ombro e que, sem terra, sempre trabalhara na messe de outros.

- “Ora, não sabes? A mulher é Madalena, a artista, aquela que leva a todos a mensagem dos que não podem falar. Espalha sonhos com seu trinado e açoita as costas dos tiranos e senhores com fio da sua voz! Falam até prostituta.” Fala

baixando os olhos, envergonhado.

Ouviu-se ao longe um cato de galo.

- “Ele, quem é?”

- “Ele é Jesus da Silva, o sindicalista. É também poeta e cirurgião dentista, dizem até Anarquista, fundador do Sindicato dos Camponeses, dos Pescadores e dos Artistas.” - completando em seguida - “Eles se conheceram e se apaixonaram na prisão.”

Os velhos, companheiros de vida, calados, continuaram a caminhada, levando no coração a esperança despertada dos que lutavam por eles.

* * *

As duas sombras se enlaçaram, em amparo, se envolveram e suas almas se aqueceram iluminadas pelas luzes multicoloridas do bar e cabaré.

Os olhos verdes de Madalena estavam transbordantes de luz e desejos, e Jesus a conduzia em seus braços, apertando-a contra seu peito. Assim dançaram samba, maxixe, foxtrote, rumba, bolero e até guarânia. Cantaram em dupla.

Beberam não só a “pinga”, mas a “tequila”, a “cerveja” e o “rai-fai” e o “samba em Berlim”, o “Cuba libre”e, já alto, Jesus acompanhou Madalena ao violão e Alfredo, o dono do bar, embora cansado, juntou-se a dupla desfrutando do duplo prazer, de faturar e conviver com figuras tão extraordinárias e marginais que pintavam no seu bar de porto.

Em um canto do bar, Pedro, o mais velho pescador do rio, disputava uma queda de braço com Rui, dono de barcos de pesca, alheios a tudo.

* * *

Sáiram, Madalena e Jesus, abraçados e o dia já estava raiando, caminharam silentes por longo tempo e só o rufar da saia de cetim estampado, como as que usam as ciganas, era escutado. A flor do cabelo de Madalena caiu na calçada quando ela, erguendo os lábios, juntou os seus lábios aos lábios de Jesus

A CIGANA E A MARGARIDA *

Sonhei que seguia por um caminho em campo. Ladeando o caminho, eucaliptos. Era outono, o sol filtrava por entre os galhos. Um perfume inebriava o ar.

Era à tardinha, ou quase tarde.

À frente caminhava uma jovem, sem olhar para traz. Sua veste mostrava que era uma cigana, uma linda ciganinha.

Nuvens negras, de repente, como aves de rapina, cobriram o sol. Devoravam-no enquanto o vento fazia dobrar os eucaliptos, semelhante a mãos de almas penadas e um uivo de lamento transformou o caminho em túnel escuro e difícil de seguir.

A jovem diminuiu o passo e emparelhou-se a mim. Entreolhamo-nos, sorrimos um para o outro e unimos as mãos em entrelaçamento febril e forte. Caminhamos quietos por algum tempo.

Lembrei da lenda que dizia que olhos pretos de ciganos podiam lançar pragas ou eliminá-las. Podiam enfeitiçar de amor e depois deixar sofrer.

A borrasca que se formava e a escuridão repentina pareciam trazer, do meio da mata, fantasmas, e ouvia-se o pio das corujas a buscar abrigo.

A cigana disse algumas palavras em um dialeto que não entendi. O dialeto dos poetas, dos que sonham, dos que acreditam.

A luz, então, se fez. As nuvens se dissiparam e ela sorriu novamente. Havia ao lado outro caminho, era florido. Soltou minha mão após beijá-la e correu para o caminho que se distanciava daquela jornada. Fiquei parado vendo-a distanciar-se. À frente dela, no outro caminho, seguia um homem e antes de segurar-lhe as mãos a ciganinha colheu uma flor, uma margarida branca, beijou-a e lançou-a na minha direção. Não mais olhou para trás. É por isto que acredito nas lendas ciganas e nas margaridas, símbolos e relatos de amores eternos.

** Publicado originalmente na antologia “Máscaras da vida” composta por Elisângela Emília da Silva Portes (Volta Redonda) em 1998, com textos precedidos de reprodução de telas pintadas por Gori, sempre associadas, de alguma forma, com a história contada no texto. Esta reunião de textos foi dada pelo escritor à acadêmica Regina Vilarinhos. Foi impressa em encadernação com espiral em Dezembro de 1998.*

Alkindar Cândido da Costa

Fundador da Cadeira 8

VOLTA REDONDA HOJE E ONTEM*

(Trechos)

ERA UMA VEZ... O DESBRAVAMENTO

1727 – Estamos diante do marco inicial do desbravamento de um território que haveria de se tornar, no futuro, a sintetização do progresso e do desenvolvimento.

Jesuítas procurando demarcar a fazenda que possuíam na baixada, denominada Santa Cruz, galgam a Serra do Mara e dão início à colonização da área.

Consideradas as dificuldades de comunicação com centros paulistas, o Governador do Rio de Janeiro, Luiz Vaía Monteiro, já em 1728 determinou a abertura de uma estrada para São Paulo.

Alguma coisa haveria de ser revelada com as medidas adotadas e surgiu o conhecimento do médio Vale do Paraíba, ao lado oposto do Serra do Mar, dando fim ao obstáculo que entravava a marcha da civilização, até então

retida durante quase dois séculos, à orla marítima, destacando-se como centro, a cidade do Rio de Janeiro.

Em 1733, João Machado Pereira se instala em terras que, por seis anos, foram tratadas e desenvolvidas, dando condições ao surgimento em 1739, do povoado de São Marcos. Já em 1744, em terras ocupadas por Simão da Cunha Gago e outros companheiros de aventura, rompida a Serra da Mantiqueira, teve início o povoado de N.S. da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova.

Para os índios da região, Simão da Cunha Gago era conhecido pelo nome de Timburibá.

Em 1801, o núcleo criado por Simão da Cunha Gago foi o primeiro a ser elevado à categoria de vila, com o nome de Resende, enquanto que o povoado de São Marcos permaneceu na mesma categoria até 1811, quando passou a ser denominado São João do Príncipe, sendo posteriormente alterado para São João Marcos.

As terras onde um dia surgiria Volta Redonda continuaram esquecidas até 1744, quando começaram a ser devassadas por forasteiros, vindos de Campo Alegre da Nova Paraíba, a que se constituía a única via de penetração. Mas as incursões nada produziram de positivo, uma vez que eram

realizadas com o único propósito de procura de ouro e pedras preciosas ou, ainda, da simples caça de animais para alimentação.

O PRIMEIRO HABITANTE

O Dr. José Alberto Monteiro, morador da cidade do Rio de Janeiro, foi o primeiro a se aventurar na fixação de residência na localidade, ainda denominada de Sertão Bravio.

Em 1764, conseguindo do Vice-Rei Conde da Cunha uma imensa área de terra, nela se instalou desenvolvendo uma fazenda, exatamente no local onde, mais tarde, haveria de ser erguida a usina da Companhia Siderúrgica Nacional e a Vila Operária.

Outra fazenda surgiu em 1784, em terras doadas a Mateus Pereira de Araújo e Oliveira, um paulista de Mogi das Cruzes, radicado em Campo Alegre da Nova Paraíba.

Essa área seria denominada Três Posses, nome alterado posteriormente para Três Poços.

O declínio da produção do ouro da capitania de Minas Gerais obrigou uma emigração de colonos, em sua maior parte constituída de mineiros, o que contribuiu para um

desenvolvimento da área já no século XVIII.

A febre do Café, depois de 1820, foi responsável pelo surgimento de importantes fazendas na região, onde se destacaram as de São João Batista, São Lucas do Brandão, Volta Redonda, Boa Vista, Santa Rita e Santiago.

(...)

A INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO

A luta encetada pelo Comendador Bernado José Vieira Ferraz ganhou lugar na realidade dos dias de progresso e em 16 de Setembro de 1871 foi inaugurado o trecho ferroviário até Barra Mansa, incluindo a estação de Volta Redonda.

Com a presença da Princesa Isabel, então Regente do Império e o Conde d'Eu – seu esposo –, implantou-se uma nova etapa de realizações, fazendo com que Volta Redonda se transformasse no denominado entreposto comercial de vasta zona geoeconômica. As mercadorias chegadas dos mais diversos pontos eram enviadas à Corte pelo Rio Paraíba, então navegável, até Barra do Piraí, de onde prosseguiam pela estrada de ferro.

(...)

O PRIMEIRO DESEJO DE LIBERDADE

Os anseios de liberdade sempre existiram e se sucederam através dos tempos, fazendo nascer novas páginas de história. No caso específico era a de elevação do povoado à categoria de freguesia, então equivalente a distrito.

Como era de se esperar, a representação endereçada ao governo da Província no ano de 1875, recebeu parecer contrário da Câmara Municipal de Barra Mansa e a alegação era de que o povoado não preenchia as condições fixadas em lei. Por este ou por aquele motivo, os destacados melhoramentos não foram realizados e a representação reativa em 1878 não prosperou.

O relator da matéria, Vereador Dr. Joaquim de Oliveira Machado, chegou a colocar em relevo: “o povoado não está no caso de merecer criação de paróquia enquanto os seus habitantes não construírem as suas dispensas, casa de detenção e cemitério fechado.” Era a exigência da lei.

O DISTRITO DE PAZ

Com a proclamação da república em 15 de Novembro de 1889 e o conseqüente banimento da família imperial para Europa, subiu ao poder no Estado do Rio de Janeiro o Dr. Portela, que por deliberação de 26 de Dezembro de 1890, criou o distrito de Paz de Volta Redonda, constituídos das fazendas de D. Isabel Maria da Silva, do Dr. Theodoro Carlos de Bustamante de Meneses & Irmãos, de D. Cecília Moraes Monteiro e Barros, dos herdeiros de Manoel Vieira da Cunha Brandão, de José Caetano Alves de Oliveira, de D. Lucinda de Oliveira Campos e Silva, dos Carvalhos e de José Carlos Vieira & Irmãos, sendo 1a , 2a , 3a, 4a, 5a, 9a, 10a e 11a tiradas da freguesia de S. Sebastião e a 6a, 7a, e 8a , da freguesia de Amparo.

O despreparo dos que assumiram o poder redundou em desatinos, refletindo também nos destinos de Volta Redonda. Daí a razão da supressão dos decretos n.º 1 e 1-A, respectivamente de 8 de maio e de 3 de junho de 1892.

Somente a 23 de outubro de 1926, pela lei n.º 2.028 foi reestabelecido, graças aos esforços do deputado Dr. Homero Leite, autor do projeto apresentado em 16 de Agosto de 1926, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

** Trechos iniciais do livro “Volta Redonda – ontem e hoje”, do acadêmico Alkindar C. Da Costa. Os trechos escolhidos trazem os dois vieses contidos em sua obra: uma riqueza em detalhes nas informações e um lirismo impecável que faz com que a leitura de dados não seja um ato enfadonho. Os textos nos transportam para o tempo onde se amalgamava a região que teria papel determinante no desenvolvimento do Brasil. Nota do Org.*

**Dora de Araújo da
Rocha e Silva**

Fundadora da Cadeira 17

ACONTECEU EM LORENA*

Lorena é minha cidade natal. Fica no Estado de São Paulo, às margens do Rio Paraía do Sul e seu nome é de origem indígena – Hepacaré.

Vou relatar um fato importante que aconteceu lá. Foi em 1901 que Lorena recebeu o hóspede singular, Euclides da Cunha. Chegou com a família e, sendo sua esposa carioca, extrovertida e comunicativa, como ocorre com os cariocas, chocou um pouco o sisudo povo lorenense, que manteve certa reserva ao casal. Mas uma porta ele encontrou sempre aberta, franca e generosa, a do Dr. Arnolfo de Azevedo, ilustre personagem da sociedade lorenense que, aos poucos, o ajudou a fazer novas amizades.

Euclides da Cunha hospedou-se na casa de um amigo do Rio de Janeiro que morava em uma rica residência, o solar do barão de Castro Lima, onde hoje está a Faculdade Salesiana de Filosofia.

Logo ao chegar, matriculou seus dois filhos no

Colégio São Joaquim, pois sabia que lá eles poderiam receber uma boa educação e ensino, como ainda acontece atualmente.

Sediavam, em Lorena, duas unidades do Exército e Euclides da Cunha fez amigos também entre os oficiais.

Seu físico pobre, sem atrativos, em nada o recomendava, mas ele soube compensá-lo com muitas qualidades: foi militar, matemático, engenheiro, repórter, geógrafo, cartógrafo, sociólogo, estilista, professor, escritor e poeta.

Até 1897, Euclides da Cunha era um escritor em busca de um assunto e de um estilo. Escrevia para jornais e já havia ensaiado algumas composições, mas ele próprio não se sentia muito seguro. Foi em Canudos, em contato com o sertão agreste e com o homem primitivo das caatingas que surgiu o verdadeiro escritor. Começou a escrever a mais estupenda obra literária que o Brasil já viu. Foi naquela paisagem agressiva do sertão baiano que encontrou sua própria imagem e a projetou no seu livro, na mais alta realidade de perfeição e beleza. Aquelas páginas que descrevem o sertão retratam sua alma atribulada, sua personalidade tão fiel, que parece um autorretrato.

Diz Gilberto Freire em um comentário sobre o

escritor: “foi no sertão que as centenas de mãos esquerdas do magricela desajeitado começaram a se disciplinar sob uma vocação poderosa - a do escritor em função da paisagem brasileira.”

Em Lorena aperfeiçoou e burilou sua obra prima.

No final de 1902, “Os sertões” foi lançado à publicidade. Tanto para o autor como para a cidade, foi um verdadeiro impacto: foi considerado um grande livro nacional e lhe deu o título de maior escritor nacional. No dizer de Silvio Romero, com esse livro, Euclides da Cunha se deitou obscuro e acordou célebre.

Para Lorena, foi um assombro, uma admiração incontida. Só, então, os lorenenses passaram a compreender, admirar e venerar o grande escritor que era. Através dessa obra, o escritor foi louvado, exaltado. Ficou conhecido mundialmente, pois teve tradução do mesmo para o francês, inglês, espanhol, italiano e dinamarquês. Por ocasião da 2ª edição, já como sócio do Instituto Histórico e Geográfico, foi convidado a ser membro da Academia Brasileira de Letras e fez grandes amizades: Coelho Neto, Lúcio de Mendonça, Vicente de Carvalho, José Veríssimo, Machado de Assis, Araripe Júnior, Reinald Porchat, Silvio Romero, Oliveira Lima,

Domínio da Gama, grandes nomes da literatura brasileira.

Foi a melhor fase de sua vida!

Isto constitui, sem dúvida, a razão de ser da Faculdade de Filosofia, motivo de esperança e entusiasmo para uma fundação vitoriosa.

Lorena cresceu e se tornou mais conhecida. Seus estabelecimentos de ensino atraíram alunos de toda parte.

Este texto foi pesquisado no livro “EUCLIDES DA CUNHA EM LORENA”, oração proferida pelo DR. GAMA RODRIGUES na sessão inaugural da “SALA EUCLIDES DA CUNHA” em 29/11/1952, em comemoração ao 1º cinquentenário do lançamento de “Os sertões”.

** O texto sobre a estadia de Euclides da Cunha em Lorena, terra natal de Dora Araújo, é um achado para esta antologia, publicada em 2016, ano que se comemora 150 anos do nascimento de Euclides da Cunha. - Nota do Org.*

CARTA RETROATIVA**

De: <darsi@comuniconet.com.br>

Para: <perovazdecaminha@pindoramanet.com.ivc>

Enviada: Sábado, 01 de Janeiro de 2000 18:00

Assunto: Carta Retroativa

Ilmo Sr. Pero Vaz de Caminha,

Em nome de todos os brasileiros, envio a V.Sa. esta carta pelo meu e-mail super-sônico retroativo a 22 de Abril de 1500. Veja bem que é uma forma muito diferente daquela carta que, há quinhentos anos, V. Sa escreveu a El-Rei D. Manuel para comunicar-lhe o achamento do Brasil, digo, da Ilha de Vera Cruz (ivc).

Quando V.Sa. e toda comitiva de D. Pedro Álvares Cabral aqui chegaram, tiveram a oportunidade de apreciar uma paisagem inteiramente nova, selvagem, exuberante...Rica em flora e fauna desconhecida e que a todos encantou. Sua carta

descreve isto muito bem! Quanto ao povo desta terra, ele foi observado e descrito com curiosidade e certa desconfiança, mas logo foram sendo conhecidos aspectos singelos daquele grupo de homens e mulheres muito diferentes.

De *corpus nus* – que não despertavam “vergonhas” às moças, tão inocentes – pintados todos e suas armas, arcos e setas, eram mais um testemunho da simplicidade e singeleza. A alimentação era natural, produtos da terra. E como se comportavam? Pareciam tranquilos, procuravam dialogar com gestos. Quando rezada a missa, foi assistida por todos, sentados, em silêncio e respeito. Obedeciam e imitavam com inocência.

Ilmo. Sr. Pero Vaz de Caminha, que lhe dizer do Brasil de hoje?

Em continuação da história, a corte portuguesa veio contribuir para seu desenvolvimento. Os portos se abriram, fundaram-se escolas.

O povo brasileiro, descendente dos portugueses, índios, e depois negros, surgiu valente e determinado. Os bandeirantes invadiram os sertões e expandiram as fronteiras desta terra maravilhosa. Surgiram as fases da cultura de cana, do café, depois eclodiu a indústria.

Nosso povo brasileiro teve a colaboração de muitos povos imigrantes, dentre outros, os italianos, alemães e japoneses, gente trabalhadora e determinada.

E o Brasil cresceu, como cresceu! Enriqueceu-se em cultura e sabedoria, técnica e arte. Quem tem a oportunidade de viajar pelo país pode se extasiar diante de tanta beleza, seja natural, seja construída. São Paulo é uma das maiores cidades do mundo em população e produção. O Rio de Janeiro é um ponto turístico excepcional! Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, é tanta coisa para se conhecer que se perde a conta! Fundaram cidades, abriram-se caminhos, desenvolveram-se meios de comunicação de todos os tipos. Seu povo adquiriu e aperfeiçoou uma personalidade característica, simpática, amiga e bem humorada.

Não somos, ainda, um primeiro mundo e, infelizmente, também estamos sofrendo as violências que atingem o mundo todo.

Mas Deus é bom, dizem até que é brasileiro. Vai nos permitir caminhar sempre para frente, cada vez mais.

É por isso que estou aqui escrevendo esta carta para V.Sa., pelo método mais moderno de comunicação, a *Internet*.

Estamos todos de parabéns. Neste ano, o Brasil

comemora 500 anos! Quinhentos anos de luta, garra, inteligência, fé, dedicação e amor.

Esteja certo de que nós nos orgulhamos muito deste país abençoado!

Eis um retrato do Brail de hoje, do ano 2000, Ilmo.Sr. Pero Vaz de Caminha.

Com toda consideração, desejo-lhe paz.

DARSI

** Este texto foi premiado, ficando em 3º lugar em concurso realizado pelo GREBAL no ano de 2000, ano de comemoração dos 500 anos do Brasil. O texto foi originalmente publicado no livro “Divagações em prosa e verso sobre a carta de achamento do Brasil” (GREBAL, 2000).

Nota do org.

**Eny Augusta da Silva
Pinheiro**

Fundadora da Cadeira 18

EDUCANDO*

A missão de educar os filhos é uma missão que enfrentamos nos tempos de hoje.

Sou mãe de quatro filhos e sei que não é fácil educar, porque sem perceber, tratamos nossos filhos como se fossem nossos quando, na verdade, eles são do mundo. Queremos, muitas vezes, impor, até, as nossas ideias.

Depois de séria observação, percebi que seria muito mais prático o uso do diálogo e, com ele, nos tornaríamos bons amigos.

Até hoje se usa bastante monólogo, isto é, só um manda, só um pode falar, e este “um” é a figura do pai que só pode externar suas opiniões sem ouvir a outra parte que é, ou que são, os filhos.

Quanto ao diálogo, eu diria o seguinte: “é disponibilidade, é a capacidade de um entender o outro”. Diálogo, portanto, é como um clima saudável que se cultiva

dentro do lar. Podemos até não aceitar certas atitudes do filho, mas nem por isso deixamos de amá-los.

Muitos são os pais que alegam não ter tempo para dialogar com seus filhos. Por mais paradoxal que pareça, as pessoas mais ocupadas são as que dispõem tempo para fazer as coisas, pois elas sabem administrar a “riqueza do tempo útil”.

Tempo é questão de preferência.

Sempre haverá um tempo para fazer aquilo que Deus quer que façamos!

Kalil Gibran, no livro “O profeta”, numa forma quase poética, com os pés no chão, nos mostra o equilíbrio e indica o caminho a seguir. Como até citei acima, nossos filhos não são como parecem, são filhos da vida, é aí que eles vão escrever suas histórias.

Nós somos o arco e eles são as flechas. Para que este arco possa cumprir sua missão, que é de lançar a flecha, é necessário que não seja flexível de mais, pois assim não terá força para as lançar.

A flecha deve ser lançada tão logo o alvo seja mirado. E ele, o alvo, é a vida. Para tal que preparamos nossos filhos, para a vida.

“As flores são como o sorriso de uma criança”

** Obra originalmente publicada na XXII Coletânea de Contos e poesia 2007 – GLAN – Nota do Org.*

PAI **

Hoje é seu dia, assim convencionado.

Pai: para mim você está sempre vivo, na minha mente.

Quantas vezes fiquei triste porque você era teimoso, parecendo-nos até um homem mau. Já na minha adolescência é que me dei conta que seu coração era de manteiga, mas sempre firme nas suas decisões.

De vez em quando “brigávamos”.

Você era teimoso e queria que prevalecesse a sua verdade e eu a minha. Rapidamente tudo passava e até fazíamos as pazes...

O elo que, espiritualmente, nos une é muito forte. Foi tão bem feito que até hoje esse liame perdura e vai continuar por toda nossa vida, porque somos imortais.

Você possuía uma retidão de caráter de fazer inveja a qualquer um que privasse do seu convívio. Sempre foi muito querido e respeitado pelos companheiros de trabalho, pelos parentes e amigos.

Sabia se impor com respeito, dignidade e bondade. Sou muito orgulhosa de você. Sou uma privilegiada. Pai, pela vontade de Deus, conheci a luz da vida no dia de seu aniversário natalício.

Levo na alma este estigma que me faz muito feliz, mas me responsabiliza por ser a única filha que “puxou” ao Pai.

Creia-me, Pai, tenho cumprido fielmente minha missão: passar para meus filhos, seus netos, este precioso legado.

Fique em paz. Um dia chego aí. Matemos muitas saudades! Pai, te amo!

*** publicado originalmente do no livro “Retratos da vida”, de Eny Pinheiro – Nota do Org.*

José Luiz de Oliveira

Fundador da Cadeira 20

RECOMPENSA *

Vinha em alta velocidade, um carro de luxo, vermelho, último modelo recentemente importado.

O policial apitou uma, duas vezes, o carro queimou pneu, cantou os freios e parou uns cinquenta metros adiante. Foi até o automóvel e disse à motorista:

- A senhora estava em alta velocidade e vai ser multada por esta infração.

- O senhor queria que eu fizesse o quê? - Ela perguntou com os olhos arregalados.

- O que a está assusta tanto, a senhora está pálida!

- E como o senhor queria que eu estivesse ? Olhe para lá e verá o que me mete medo.

O policial olhou e viu outro carro, também de luxo, vindo num pega e, na janela, com o cano pra fora, um fuzil

AR15. O guarda lhe perguntou

- E agora?

- Entre aí no carro e vamos embora – disse a mulher, já queimando os pneus que deixavam suas marcas no asfalto.

- Por que ele a persegue? - perguntou-lhe o policial.

- É meu marido, ele me pegou saindo de um motel e agora quer me matar.

- Mas como? a senhora está sozinha.

- Meu namorado é dono do motel, ficou lá, mas agora eu o tenho comigo e como policial sei que vai me proteger.

- Então, madame, fé em Deus e pé na tábua.

Os perseguidores viram quando ela fez o policial de refém colocando-o no carro. Ao passarem por eles, deram vários tiros de advertência e sumiram.

- Eles já se foram. O perigo passou, por enquanto. Agora só quando a senhora chegar em casa - disse o policial – E não terá a mim para defendê-la. Bem, eu gostaria de ser

sempre o seu defensor, anjo da guarda, mas não estarei lá e ele poderá matá-la. O que é uma pena, tão jovem e tão bonita!

- Obrigada, meu CUPIDO, pelo que fez por mim, não se preocupe. Quando eu chegar em casa, ele já estará mais calmo. Meu marido é apaixonado por mim, apesar de seu ciúme doentio, ele me ama e não fará nada comigo.

- Qual seria o homem que não sentiria ciúmes de uma mulher linda, uma musa?

- Até você sente ciúmes de mim?

- Já sinto ciúmes de você com o seu marido, um homem feliz no amor.

- Você salvou minha vida, por isto merece uma recompensa. Um cheque bem recheado ou uma noite comigo em um motel? Isto é, quando meu marido estiver viajando. Qual das duas você vai escolher?

- Eu prefiro a segunda, é mais romântica.

- Muito bem, creio que você escolheu a melhor. Não o decepcionarei. Agora me dê seu telefone. Ótimo! Entrarei em contato contigo no dia certo e sem risco para nenhum de nós.

- Já me sinto um homem feliz em seus braços!

- Então me dê um beijo meu herói!

O carro estava parado na margem da estrada, e eles se beijando, já esquecidos do sufoco de há pouco sofrido.

- Agora vá, meu cupido, e aguarde meu telefonema.

- Você vai ligar mesmo, minha deusa?

- Devo-lhe minha vida, não faltarei com minha palavra e serei tua recompensa.

O policial ficou à margem da estrada vendo-a sair numa arrancada violenta, queimando os pneus de seu bonito e novinho carro importado. Lá se foram ela e a esperança do policial.

- Fui um otário! Recusei o cheque, preferindo a dona. Lá se foi a perseguida do marido e jamais a verei outra vez.

Dois meses depois:

- Alô.

- É o policial Roberto?

- Sim sou eu, quem fala?
- Sou eu, a Mara, e dessa vez não vou fazê-lo de meu refém – disse-lhe sorrindo.
- Meu sonho é ser seu refém outras vezes.
- Seu sonho? Quer dizer que sonha comigo?
- Durante o dia penso e a noite sonho com você.
- Ainda mantém sua escolha da recompensa? Qual das duas?
- A segunda é claro. Só que o tempo passa.
- A hora está chegando. Nesse fim de semana estarei sozinha, ou melhor, com você. Isto é, se ainda me quiser.
- É claro que a quero, Mara, espero por isso há dois meses, oito dias, cinco horas e dez minutos.
- Ô louco! Você faz conta de dias, horas e minutos?
- Sim, não consigo pensar em outra coisa desde que a conheci.
- Tudo bem. Você tem carro?

- Quem sou eu para ter carro...carro é o seu. Eu tenho uma fubica, mas está rodando e me leva onde preciso.

- Estamos combinados. Quinta-feira, às 18h, na rua...Lá nos encontramos.

- Mara...está dizendo a verdade ou é uma brincadeira?

- Estou em dívida com você, Roberto, quero quitá-la. Você salvou minha vida e me escolheu como pagamento da recompensa.

- E só por isso você vai?

- Posso dizer que não. Simpatizei-me com você. É gentil e quando é preciso sabe salvar uma uma mulher.

- Está bem querida, estarei no local, dia e hora marcados.

Bem antes da hora, Roberto já estava no posto, vigilante, e não perdia um só carro que se aproximasse do local. Um taxi encostou e sua musa desceu pela porta traseira, caminhando ao seu encontro. Linda como uma princesa da Grécia.

- Para onde vamos?

- Desde que não seja para um motel...

- Se não for para um motel, para onde iremos?

Para minha casa ou para sua?

- Não, amor, para um hotel-fazenda na serra de Itamonte.

- Você é louca mesmo!

- Ainda não vi nada, aguarde-me.

Foi assim que chegaram a seu destino e tudo estava preparado. Mara havia providenciado tudo. Foram instalados numa das dezenas de pequenas casas espalhadas entre árvores e jardins. A casa era muito aconchegante, própria mesmo para casais em férias ou em lua de mel.

Ficaram três dias por lá. Mara era uma messalina romana e Roberto um Dom João de Sevilha. E assim foi paga a RECOMPENSA.

** Conto publicado originalmente na XXII Coletânea de Contos e poesia 2007 – GLAN. Organização : Nelita Maria da Silva Teixeira – Nota do Org.*

VERSO

Ronaldo João Gori

Fundador da Cadeira 3

QUANDO EU FOR LEMBRANÇA

“vou fazer um poetaço para

Quando eu for lembrança*”

tudo já foi dito...

tudo já foi escutado...

tudo já foi visto...

tudo já foi pensado...

tudo já foi amado...

tudo já foi feito...

tudo já foi sentido...

tudo já foi sofrido...

tudo já foi chorado...

tudo já foi cantado...

tudo já foi perdido...

tudo já foi achado...

tudo já foi sorrido...

tudo já foi caminhado...

tudo já foi odiado...

tudo já foi destruído...

tudo já foi construído...

tudo já foi vivido...

tudo já foi gargalhado...

tudo já foi desamado...

tudo já foi telefonado...

tudo já foi brigado...

tudo já foi consertado...

tudo já foi poetado...

tudo já foi verde...

tudo já foi azul...

tudo já foi pedido...

tudo já foi concedido...
tudo já foi alegria...
tudo já foi tristeza...
tudo já foi negado...
tudo já foi encenado...
tudo já foi beijado...
tudo já foi mistério...
tudo já foi transparente...
tudo já foi paixão...
tudo já foi amor...
tudo já foi angústia...
tudo já foi sol...
tudo já foi lua...
tudo já foi morrer...
tudo já foi viver...
tudo já foi menino...
tudo já foi menina...

tudo já foi homem...

tudo já foi mulher...

tudo já foi em cima...

tudo já foi em baixo...

tudo já foi de uma lado...

tudo já foi do outro...

tudo já foi seu...

tudo já foi meu...

tudo já foi vida...

tudo já foi morte...

tudo já foi efêmero...

tudo já foi eterno...

tudo já foi atado...

tudo já foi desatado...

tudo já foi ...

tudo já será...

já foi tudo...

Você... ...lembança... ...Eu...

Uma lágrima

e

s

c

o

r

r

e

n

d

o pela face...

Será!

É?!

** Este poema é parte de texto escrito prosa, uma crônica intitulada “Crise”, mesmo título da edição prefaciada pelo escritor Assede Paiva. A crônica termina com os dizeres “vou fazer um poetaço para Quando eu for lembrança”. Nota do Org.*

MÁSCARAS **

Quantas máscaras vesti?
Quantos mundos inventei?
Quantas aventuras vivi?
Quantas noites cantei?

Chorei noites, bem sei,
Muitas mortes encontrei.
Um só mundo descobri,
Quando a máscara tirei.
Soltei-me ao vento, vivi?
Não. Não havia tempo,
Eu perdi! Perdi?
Perdi!?

**** poema publicado na Antologia Máscaras, organizada pelo Escritor Asséde Paiva e pelo próprio Ronaldo João Gori, com apoio do GREBAL.**

**Maria José Bulhões
Maldonado**

Fundadora da Cadeira 4

AS MÚLTIPLAS FACES *

No espelho dos versos, minh'alma reflete
os rostos. As marcas de gestos. E vozes
espalhadas a esmo.

Nos ritos diferentes, nos gritos plurais,
AS MÚLTIPLAS FACES
que são de mim mesmo.

* * *

POESIA - começo e fim de minha vida.

* * *

Entre a vida e a morte,
Somos apenas um lapso de tempo.

* * *

Os poetas são almas gritando por luz, que mergulham na
água da pura essência, abrindo janelas para a beleza do
Universo.

* * *

A poesia é uma fome que não passa.
Um vazio na alma sempre por preencher

BANQUETE DE POESIA*

Dentro de mim reflete a luz buscada
na luz do amor e no grão da partilha,
tornando a noite da alma em alvorada.

Urgência de voar além das penas...
que consomem a vida em agonia.

Nesta fome de ofício das palavras
em busca do BANQUETE DA POESIA

TUDO MUDOU *

Não é só mesmo que beijei outrora,
não são os mesmos os teus olhos belos,
não é o mesmo o teu amor de agora,
nem é a mesma a cor dos meus cabelos!

Vai mudando em velhice a mocidade
e eu sinto o teu amor em despedida.

E só existe uma fatal verdade:

tu mudou, tudo tem fim na vida! (tu mudou **ou** tudo mudou? -
ver no original)

Se o tempo tudo esquece e mata a esmo,
se transforma colunas de granito,
tu não tens culpa de não ser o mesmo.

Se até eu própria já nem sei quem sou...
Só este amor, que vibra como um grito,
em vez de terminar, mais aumentou.

IMPOSSÍVEL *

Não há prisão que encerre o pensamento,
nem tormenta maior que ele não vença.
Como não há ninguém que me convença
a deixar de lembrar-te um só momento.

Tirem-me a liberdade de viver
que tão veloz e leve como o vento
voará para ti meu pensamento,
esta saudade imensa, este querer.

Nem há força no mundo, por mais forte,
que evite de viver em ti pensando
e a mágoa de perder-te me conforte.

Podem tornar maior o meu tormento.
Cegar-me os olhos que te estão chorando.
Mas não podem prender-me o pensamento.

DIADEMAS DE LUZ *

Se herdei apenas esperanças mortas,
o que farei em solidão perdida?
Fechei para o amor todas as portas
só metade de mim restou na vida.

Não sou mais eu, dispersa na distância
que indago a toda a hora na procura
de ti, do teu amor, de ânsia
de sermos um apenas em ternura.

E só vejo miragens de horizontes.
Rios tumultuosos, onde as pontes
que me levam a ti ruíram todas.

Mas paro aquém das pontes destroçadas
e fico-me a sonhar com alvoradas.
Diademas de luz de nossas bodas.

** Publicados originalmente em “Amor mundi” - LWC Editora e Gráfica, Diadema – SP, Brasil - 2008 - Nota do Org.*

ANO INTERNACIONAL DO DEFICIENTE **

Somos todos deficientes

Quem tem olhos para ver a miséria?

Quem tem pernas para dar o primeiro passo?

Quem tem braços para estender ao próximo?

Quem tem mãos para servir e afagar?

Quem tem ouvidos para lamentos e gritos?

Somos todos deficientes

Cegos e surdos aos apelos humanos.

*** Publicado originalmente em “Dias habitados” - Gazetilha Editora – Volta Redonda, Brasil - 1985 - Nota do Org.*

AVISO

Bebe a ânsia que contém
cada nova madrugada.

Procura a meta do riso.
O sol a banhar-te o rosto.

Preso à garganta retém
o grito da alvorada.

Não deixes vir o Sol-posto
que é logo noite cerrada.

Publicado originalmente em “Teia do tempo” - Tempográfica SARL, Maputo, Moçambique, 1972- Nota do Org.

TERRA PROMETIDA [®]

Dos antepassados foi que herdei,
O desejo do novo e da conquista.
Velas brancas de sonho desfraldadas,
Parti, tão sem destino, à aventura
E tive por fortuna águas salgadas.

Perdi-me na distância desmedida,
Mas venci, no caminho, encruzilhadas,
Na conquista da TERRA PROMETIDA
A nudez de minh'alma expus em verso,
Como se fosse desnudar a vida.

Não vim de caravela...mas cheguei.
Outras velas de esperança desfraldei
Para gritar ao mundo “TERRA À VISTA”!
Depois de atravessar águas salgadas
e outros HERÓIS DE SONHO encontrar,

O OURO DO AMOR que amealhei
É troféu de VITÓRIA DA CONQUISTA.

@ Publicado originalmente em “Divagações em prosa e verso sobre a carta de Pero Vaz de Caminha” – GREBAL 2000 Organização: Eliette Ferreira – Nota do Org.

AMOR SEM FRONTEIRAS

A poesia nutre-me de vida,
de beleza encantatória.
No júbilo das sensações,
na engrenagem da rotação dos anos,
indiferente ao passar das estações,
no mesmo deslumbramento permaneço.

Renasce em mim a esperança.
Revigora-me!
Numa urgência de renovação,
fujo do tédio no descompasso da vida,
E colho a flor da ternura
nos macerados caminhos.

O tempo sinaliza meus passos
na trilha do último porto...

Não posso desgastar minhas horas.

Despojo-me de coisas inúteis,
de pensamentos vãos,
nos nostálgicos itinerários da memória,
de um cenário íntimo
de cidade sitiada por sonhos impossíveis.

Instalo-me atrás das muralhas do tempo
e, num derradeiro alento, exorcizo o desânimo.
Descerro as portas da sabedoria,
e recebo a energia da Essência do UNIVERSO
que me impele à descoberta
só segredo de VIVER.

E, SER itinerante, busco PRESENÇAS,
numa urgência de doar
este AMOR sem fronteiras.

A PÁTRIA CHORA POR MIM

Eu sou o cais onde aportam
Caravelas da saudade.
E nas asas das gaivotas,
As marcas da liberdade...
Velas de todas as rotas.

E ouço o mar e o vento
Bramindo aos meus ouvidos,
Como se fora um lamento.
Não esqueço o meu país!
A lembrança é um punhal
Atravessado em meu peito.

Perdi um bem de raiz,
Ao perder-te, PORTUGAL
E trago molhada a face,
Porque a Pátria chora em mim,

Como seu eu própria chorasse

publicados originalmente em Prosa & Verso XI – GREBAL – 2000 Organizadora: Eliete Ferreira – Nota do Org.

Pedro Viana Filho
Fundador da Cadeira 10

O PRIMEIRO BEIJO*

Criou Deus esta natureza imensa e bela,
imaginando, assim, um estendal de flores...
E quando retirou de Adão uma costela,
dela, esculpiu a eterna fonte dos amores.

Adão, que outrora, reclamava ao Pai daquela
constante solidão em meio a dissabores,
agora, ao contemplar a sensual donzela,
já pressente alegria em todos os seus labores.

Deus apresenta sua obra a Adão e diz:

- Eis aqui, filho meu, este primor que fiz
para ficar bem junto a ti em seu mister.

- Obrigado, Senhor! Diz Adão sorridente,

que, confirmando a gratidão, beija o presente
e manifesta o seu prazer: Minha mulher!!!

FLORES NOS PORTAIS *

Enquanto as flores davam vida à porta

Exalava no ar um doce olor...

Para o poeta, enfim, o que lhe importa

É a beleza e o perfume da flor!

No abrir da porta busca inspiração:

Da flor-mulher sentir sutil perfume

E contemplar com toda a devoção

Esse perfil que traduz ciúme!

E o poeta retorna àquele vale

Quando a lua mostrava o anoitecer

Para colher a inspiração que embale

Seu coração fecundo de prazer.

E surpreso notou que aquela porta

Que outrora dava entrada ao seu sonhar

Mostrava a natureza quase morta,
Qual porta semi-aberta a agonizar.
A mente do poeta não se cansa...
Pois sonha ainda com forças fraternais
Conjugadas em torno da esperança
Em ver aquelas flores nos portais!!!

Homenagem do poeta aos 30 anos do GLAN em 2005 – Nota do Org.

O BOM TROVADOR*

Bom trovador é aquele que dá prova
do seu dom através do que ele escreve...
É aquele que ao compor a sua trova
não deixa o belo nem sequer de leve.

Bom trovador é aquele que renova
na inspiração um sentimento breve
e mostra em cada verso seu que a trova
tão pequena, a um poema nada deve.

Sabe que o metro é simples parte;
que o importante é escrever bem; com arte
pra se ter uma trova enriquecida!

Se ela é cheia de pensamento vão;
Se não atinge, enfim, o coração,
que tenha humor pra alegrar a vida!

SONETO DA CORDIALIDADE*

Ser qual ribeiro a deslizar sereno
Num denso leito, em superfície fria,
Que ao receber da brisa um beijo ameno,
Envia à terra a doce melodia.

Ser como a rosa de perfil pequeno,
Florindo, em cheio, a verde ramaria,
Que, no soprar do vento, num oceano,
Leva seu cheiro até a serrania.

Ter um viver modesto, sem vaidade
Como um simples regato ou flor singela,
É ser fraterno, é ter felicidade.

É despir-se de toda a falsidade,
É praticar a comunhão mais bela,
Vivendo a pura e sã cordialidade!

A HORA DA COLHEITA*

S.Marcos, 4:26 à 29

Um semeador seu labutar termina
E, pondo-se a dormir seu ser transmuda.
E a semente, rompendo o chão germina
Sob o poder da celestial ajuda.

Prossegue a obra sob a mão divina:
Entre as folhas a espiga assaz polpuda
Abriga cada grão que se confina
Nesse seio que todo o chão saúda.

E o lavrador voltando à nova lida
Louva a Deus pela graça concedida,
Ao ver, feliz, a espiga, assim granada!

Olha o campo e proclama alegremente:

Vamos, meu povo! Avante, minha gente!

Mãos à obra! A colheita já é chegada!!!

* obras publicadas pelo GLAN

PRECE MATERNA

Quando imagino, ó minha mãe querida,
no dia em que cessar a tua prece,
e não subir a Deus por mim, parece
até que já não tenho a luz da vida.

Quando faltar a tua mão ungida,
quem haverá por mim que se interesse
em pedir ao senhor copiosa messe,
como agora lhe pedes sem medida?

Longos anos de vida, todavia
nas orações a Deus, dia após dia,
perseveraste minha mãe, comigo.

Vai chegar o seu dia derradeiro,
vai apagar a chama do luzeiro,
mas toda bênção ficará contigo!

A MUSA DA JANELA

Tão séria à luz do abajur,
debruçada à janela
azul acortinada,
estavas, ó querida
companheira,
mais linda do que a noite enluzada.

Eu fiquei ali a noite inteira,
feliz a contemplar-te,
ó minha doce amada!
Como a noite é tão breve
passageira,
eu veria passar a madrugada.

Quando me aproximei, com ar carente
de amor; de tudo enfim,
tu olhaste para mim,
e num gesto gentil
e amoroso,
levou-me a conhecer teu aposento.

Lembrando-me de ti, ò minha amada,
tão séria na janela
azul acortinada,
eu vi que tudo se renova,
porque, agora nessa alcova,
tu és a imagem viva dos meus sonhos,
e toda a inspiração dos meus poemas!

LAR

O lar é do carinho a eterna fonte;
Ninho de paz e amor; doce alegria...
Onde o viajor debruça a exausta fronte
e se prepara para um novo dia!

Na choça erguida no sopé do monte,
ou na mansão, - na augusta moradia
pode existir um lar, um horizonte,
cheio de luz, de fé e de harmonia!

Mas se a discórdia chega em treva densa,
lançando o ódio, semeando horror,
pelos punhais hostis da malquerença,

Tomba-se o lar na solidão, na dor...
e sobre a rocha fria da descrença
lança-se a laje sepulcral do amor!

O FANTASMA DO CAMARIM

É noite. Alguém bate à janela fria
do camarim com insistência louca.
Estou tão só e a noite é tão sombria.
Quero reagir, mas minha força é pouca!

Sinto morrer de medo e de agonia.
Quero gritar, mas minha voz é rouca.
Pela vidraça, uma figura esguia
tenta tirar de minhas cãs a touca.

Ó Senhor, que terrível pesadelo!
Será fantasma? Não consigo vê-lo!
Por que, meu Deus, este temor não passa?

E quando o dia surge reluzente,
vejo surpreso, num cipó pendente,
uma flor, a roçar minha vidraça!

A LIÇÃO DA ÁRVORE

Esta árvore meu amigo,
plantada à beira da estrada,
que na tarde ensolarada
oferece um doce abrigo...

Não fala, é certo, porém,
Transmite pra todo o mundo
um exemplo tão profundo,
que serve pra nós também!

Quando chove ou faz calor,
ela recebe o viajor
sob o frescor da folhagem.

Sigamos tão nobre exemplo
fazendo da vida um templo
de amor e camaradagem!

**Dora de Araújo da
Rocha e Silva**

Fundadora da Cadeira 17

GRAFITANDO*

Quero escrever a lápis um poema
Que me surgiu agora no pensamento.
Não sei se nasceu na cabeça,
Ou no coração por sentimento.
Quero poder apagá-lo no momento
Em que não mais sentir essa beleza
De palavras que brotam a contento,
E nem mesmo creio com certeza
Se estou sentindo dor ou alegria.
Só quero ouvir a voz amiga
Que me dá força e energia
Pra entender que todos nós
Somos seus filhos, Deus amado
E que toda a vida emana de vós
É o que diz esse poema a lápis.

DESEMPREGO, POR QUÊ?*

Se não creio em mim,

Se não me valorizo,

Se não tenho alegria,

Desemprego, por quê?

Se vivo na solidão,

Se não faço por conquistar amizades,

Se me falta fé em tudo e em todos,

Desemprego, por quê?

Se não sei ter vida simples, sóbria e austera,

Se não luto pelo meu ideal,

Se não confio em Deus,

Desemprego, por quê?

Se não encontro trabalho, justiça e paz,
Se faltam solidariedade e compreensão dos dirigentes,
Se fraternidade e caridade não existem,
Desemprego, por quê?

Se somos perseguidos ou oprimidos,
Se não há perdão,
Se meu irmão é indiferente, frio, egoísta,
Desemprego, por quê?

Se há exclusão social,
Desemprego, por quê?

Quando houver mais amor, mais interesse entre todos,
O mundo será melhor e não será preciso perguntar:

Desemprego, por quê?

** Poemas originalmente publicados na XX Coletânea de Contos e Poesias do GLAN 2004 – Nota do Org.*

A CARTA A PERO VAZ DE CAMINHA*

Brasil de belíssimas paisagens
terras, águas, e copas majestosas,
da praia do mar, dos rios às margens,
nos tornam realmente orgulhosos! Coube descrever esta
riqueza,
a Pero Vaz de Caminha, escrivão
da frota de Cabral, a grandeza
desconhecida deste torrão.
Na praia, índios puros, inocentes,
sem “vergonhas” e sem mais pudores,
porém indomáveis e valentes,
corpos tingidos de penas em cores.
Num ato de pura religião,
foi erguida a cruz para a primeira missa,
Frei Henrique fez a pregação

pedindo, por todos, justiça.
Esta foi a primeira impressão
que os portugueses tiveram de nós.
Pascoal e Ilha de Vera Cruz são
os nomes ditos de voz em voz.
Sendo quinhentos anos passados,
Brasil, quanta coisa aconteceu!
A técnica tornou superado
meu país que em tudo cresceu.
E nosso povo, como mudou!
Gente de todas, todas as partes
do mundo chegou, a terra ganhou
muito mais progresso, engenho e artes.
Eis um pouco de uma linda história
e Pero Vaz iniciou esta glória!

**Poema com menção honrosa neste mesmo concurso do GREBAL –
Nota do Org.*

PRIMAVERA

Chegou a estação das flores,
a natureza está em festa,
tudo são músicas e cores...
como se fosse seresta.

Saem os pássaros do ninhos,
vão para as árvores cantar,
juntam-se crianças vizinhas,
alegres, correndo a brincar.

Os namorados se encontram, trocam juras de amor,
entre beijos, abraços...quimeras.

No céu azul o Sol, luz bela,
brilha em raios de luz e calor.
E o Brasil está feliz. É primavera!

BRASIL VITORIOSO

Neste ano de campeonato esportivo,
O Brasil tem vencido
em várias competições:
Futebol, natação, corrida...
e ganhou muitas medalhas
entre ouro, prata e bronze.

Parabenizamos os atletas brasileiros
e nos orgulhamos deles.
Em toda história deste nosso país,
conhecemos muitas provas de valentia.

Depois da descoberta
os bandeirantes se dedicaram
a fazer o Brasil crescer.

Nas guerras com países vizinhos,

Na primeira e Segunda Grandes Guerras,
O Brasil sempre fez sua parte.

É um país de povo honesto,
trabalhador,
simpático e alegre.

Parabéns, Brasil!

És um vitorioso!

Eny Augusta da Silva
Pinheiro

Fundadora da Cadeira 18

POR QUE NÃO?*

Porque não voamos como os pássaros?

Eles levitam,

Voam longe e

Bem alto.

São os verdadeiros donos

Deste grande universo.

Vejo-os sempre cantando,

Voando de lá para cá,

De cá para lá,

São felizes!

Um dia

Vou ser um pássaro.

Seria, então,

Verdadeiramente livre.

FELIZ CHEGADA*

Chegou um anjo
Acalentando em suas asas
Uma linda criança.

Como é bom ser anjo!
Veio lá do céu
Trazendo amor e esperança.
Este anjo tem nome
Ele é só amor e alegria
Adivinhem quem é...
É o Breno!

UM SONHO*

Onde estou,
Me lembro de você...

Quando durmo,
Me lembro de você...

Quando sonho,
Me lembro de você...

Onde quer que eu esteja
Me lembro de você!
Sonhar é viver!

**Poemas originalmente publicados na antologia Prosa & Verso XI –
2000 – GREBAL com organização Eliette Ferreira Nota do Org..*

UM OLHAR**

Quando te vejo
É inexplicável
A minha emoção.

Treme meu corpo,
Palpita meu coração
Suam-me as mãos.

Quero te ver mais,
Muito mais e mais!

BASTA UM CORAÇÃO**

Ama-se cada momento.

O amor dispensa até palavras.

Basta um olhar,

Um pensamento.

O amor não tem idade e

Nem raça, religião ou nacionalidade.

Prescinde até mesmo de fórmulas,

Para se amar.

Simplesmente se ama.

Passei a te querer

Do momento em que te encontrei e,

No mesmo instante, me apaixonei.

Cada vez mais vou te amar

Não há hora para o amor,

Ele só necessita

De um coração.

VAI E VEM**

Dia vem, Dia vai

Chega a noite

Aí vou sonhar

Dia vem,

Dia vai

Chega o dia,

Aí vou brincar

Dia vem,

Dia vai...

Vou brincar,

Brincar de amar!

José Luiz de Oliveira

Fundador da Cadeira 20

BELA POTRANCA *

Bendita és tu, mulher,
Que me fazes enlouquecer
Pelo coração do amor
E no coração do prazer.

Tu és bela e encantadora
Como uma rosa em odor
De outros tu és amiga
A mim dás teu amor.

Gostaria de ter os poderes
Do céu da terra e do mar
Te daria tudo o que precisasses
Sem nada deixar faltar.

Do que não reclamo
É do nosso tempo passado
Tu eras bela potranca
Eu, um garanhão arrumado.

PEDACINHO DE MIM **

Uma sementinha eu plantei
Com carinho, fui regando.
A cada dia que passava,
Uma criancinha fui gerando.

Brilhou um raio de luz
Que veio a resplandecer.
É a minha querida filhinha,
Que acaba de nascer.

Quando nasce uma criança,
Tem perfume de jasmim.
É uma nova vida que surge;
Um pedacinho de mim.

No abrolho com seus espinhos;
Uma criança foi gerada.
Hoje nasceu uma menina,
Que por mim será criada.

** Publicada nos livros: Eu e Você Crônicas e Poesias de José Luiz de Oliveira E Antologia II, O Mensageiro da Poesia Portugal – Nota do GLAN*

*** Publicado no Jornal Diário do Vale/Lazer/Estrofe – Nota do GLAN*

Texto publicado no sítioo internet do GLAN – Nota do Org.

Jair Gomes da Silva

Fundador da Cadeira 29

EU E O SABIÁ *

Ouvi um sabiá cantando
Com sua voz maviosa
Saudando um novo dia;
E fiquei entusiasmado com a sua cantoria
E quando ele cantava,
Raivava um novo dia;
Embevecido fiquei
E pus-me a observar
E longo tempo passamos
Um para o outro a olhar
Causando grande embaraço
E mais se estreitava os laços
Entre mim e o sabiá
Que dali não se arredava
Como se estivesse a esperar
Que eu lhe dirigisse a fala.
De repente, sem pensar
Perguntei, dedo em riste:
Por que que é que canta triste?

Por que é triste seu cantar?
Ele olhou-me assustado
Soltando um longo trinado
Parecendo responder:
Por que está encantado
De um novo dia nascer?
Para mim é tudo igual
E cada dia pior,
Pois vocês homens dementes,
Não veem o que a gente sente?
Para beber água pura
Só se formos à nascente;
Jogam remédios nos cafezais
E que são para nós tão letais!
E as drogas que jogam nos alimentos
Que buscamos para o sustento;
E as queimadas
Por vocês provocadas
Por descaso,
Ou para dinheiro ganhar,
Queimando assim nossos ninhos
Matando nossos filhinhos.

E as árvores
Para nós, os nossos lares,
Como é difícil encontrar
Um lugar para pousar
E ali adormecer,
Não é um eterno sofrer?
E nos sentimos em ilhas
Fugindo das armadilhas
Que são postas para nos vencer.
Eu só queira entender.
Vocês não gostam de ser presos,
mas gostam de nos prender.
Com certeza vocês são
Uma grande decepção
Para o nosso criador,
Que nos quer ver
Vivendo em harmonia
E você tão deslumbrado
Com o nascer de um novo dia...
Está mesmo preocupado
Com a nossa sobrevivência?
Existe em você o querer

De acabar com nosso sofrer?
Então empunha a bandeira
E que seja verdadeira
A sua preocupação,
Pois você tem o poder...
Estamos em suas mãos.
Saia desta letargia
E sem nenhuma leveza
Defenda a natureza
Que é parte de sua vida...
Crie leis, remova montes
E torne o nosso horizonte,
De fato, ainda mais belo.
Desfaça essa carranca,
E solte um largo sorriso,
E cante, mesmo que triste
Seja também o seu cantar;
E solte do peito este grito
Que no seu coração foi morar
O grito de liberdade
O grito de compreensão...
Que algo tem que ser feito

Em prol desta nação.
Tome, homem, uma posição!
Fora com os desmatamentos,
Foram com a poluição!
E o sabiá foi embora
Deixando esta mensagem
E em mim uma profunda tristeza!
O que é que estamos fazendo
Por nossa Mãe Natureza?

VIGILANTE *

Meu cãozinho vigilante
Você é um cão importante
Um grande caçador,
Caçador de Esmeralda
Uma cadela fidalga
Por quem se apaixonou.
Quando o amor nos toca
Ficamos meio bobocas
Pulando e rindo à toa.
Ficamos até mais felizes
Do que o sapo na lagoa.
Hoje vive assim tristonho
Sentindo-se abandonado
Por todos maltratado
Não ligue, não, meu cãozinho
Por você eu também sofro.
Nessa vida cada qual
Carrega assim o seu osso
Eu sei que está saudoso

Daqueles pelos sedosos
Daquela cadela ferosa
Que o deixava tão prosa.
Mas, deixe dessa sofrência
E tenha também paciência
Dessa sua vida de cão.
E quando menos esperar
O amor virá tocar
De novo seu coração.

VOLTA REDONDA – SUA HISTÓRIA – NOSSA HISTÓRIA *

Volta Redonda, Cidade do Aço,
Com grande estardalhaço
O mundo te conheceu.
Volta Redonda, cidade querida, teu nome é vida,
Teu sinônimo é trabalho!
Em 53 aqui cheguei
Pelas mãos de minha tia
E meus olhos reluziam
Ao ver tanto aparato
De gente indo e vindo
E eu bichinho do mato.
Estava mesmo assustado
Mas logo me acostumei
E por ti me apaixonei
Assim foste emancipada
Seguindo a tua jornada
Com um porte de rainha

E por isto a tua história
Faz parte da história minha.
Sinto orgulho de ti
E em teu seio vivi.
Durante todos estes anos,
Criei aqui minha família
E somos muito felizes
E tu, Volta Redonda
Estás cada vez mais bela!
Seu eu pudesse, os sentimentos,
Colocar em uma tela,
A mesclaria de flores
E no centro, bem no centro dessa tela,
Poria meu coração, por ti cheio de amores.

** Publicados originalmente na XXII Coletânea de Contos e Poesia
2007 – GLAN – Nota do Org.*

Uma publicação da Academia Volta-redondense de Letras- AVL

www.avl.org.br